vinetur

Oradores em Franciacorta alertam que o futuro da região vitivinícola depende da proteção da paisagem mais ampla.

Especialistas no Festival Franciacorta apontaram falhas de planeamento, pressão climática e as zonas húmidas de Torbiere del Sebino como testes decisivos.

terça-feira, 22 de setembro de 2026



O futuro de Franciacorta dependerá não apenas do que é plantado nas suas vinhas, mas também de como a região decidir proteger e remodelar a paisagem mais ampla que as envolve, afirmaram os oradores numa discussão pública realizada durante o Festival Franciacorta in Cantina deste ano, em Rodengo Saiano, no norte de Itália.

A conversa teve lugar num antigo convento franciscano que acolhe o Academy Symposium, um instituto técnico superior dedicado à formação profissional em alimentação, vinho, marketing e turismo. Reuniu o escritor de vinhos e historiador de arte Armando Castagno, Fiona Colucci, da Superintendência de Arqueologia, Belas-Artes e Paisagem das províncias de Bergamo e Brescia, Marco Pilotti, presidente da reserva natural de Torbiere del Sebino e professor de engenharia hidráulica na Universidade de Brescia, e o agrónomo Pierluigi Donna, cofundador da empresa de consultoria Studio Agronomico Sata.

O evento foi organizado num momento em que Franciacorta, uma das regiões de espumantes mais conhecidas de Itália, enfrenta uma pressão crescente para equilibrar atividade económica, turismo, proteção ambiental, preservação histórica e adaptação climática. O Consórcio Franciacorta, que protege a denominação dos espumantes de método tradicional da região lombarda e é liderado por Emanuele Rabotti, elegeu a paisagem como um dos temas centrais do festival.

Os oradores descreveram a questão como mais ampla do que a mera gestão das vinhas. Em Franciacorta, a paisagem está ligada à própria identidade da região vitivinícola, mas também é moldada pelo ordenamento do território, pela arquitetura, pelos transportes, pelos sistemas hídricos, pela biodiversidade, pelos edifícios históricos e pelas expectativas das comunidades locais e dos visitantes.

Castagno afirmou que a forma como as pessoas entendem a paisagem é muitas vezes influenciada tanto pela arte, pela fotografia e pela literatura como pela geografia. Defendeu que a paisagem não é apenas um cenário físico, mas também uma imagem cultural construída ao longo do tempo. Em Franciacorta, disse, essa imagem está agora fortemente ligada à produção de vinho e à ideia de um território onde natureza, saber-fazer, sabor e conhecimento local se conjugam.

Essa visão é importante porque a reputação internacional de Franciacorta depende cada vez mais de algo que vai além da qualidade das garrafas. Depende também da coerência visual e ambiental do território visitado por turistas do vinho, investidores e residentes. Castagno afirmou que alguns territórios agrícolas de Itália produzem vinhos e alimentos excecionais, mas transmitem pouco sentido de lugar quando atravessados por estrada. Na sua perspetiva, o futuro de Franciacorta dependerá em parte de as instituições e os produtores locais tratarem a paisagem como uma responsabilidade partilhada e não como uma questão secundária.

Colucci afirmou que a proteção da paisagem não pode ser reduzida à preservação de alguns monumentos ou sítios pitorescos. Disse que as pessoas percecionam a paisagem através da experiência pessoal e da cultura, mas que as autoridades públicas continuam a ter de tomar decisões práticas sobre a forma de a governar. Em Franciacorta, acrescentou, as áreas sob proteção patrimonial direta são relativamente

limitadas, o que significa que grande parte da responsabilidade recai sobre os governos locais através de instrumentos de planeamento municipal.

Destacou em particular o Piano di governo del territorio, o enquadramento de planeamento local utilizado pelos municípios da Lombardia, classificando-o como um instrumento crucial para moldar o desenvolvimento. Mas acrescentou que esses planos são muitas vezes o resultado de compromissos prolongados, sobretudo quando proprietários de terrenos e administrações locais enfrentam pressão para autorizar construção em áreas estrategicamente localizadas.

A nível regional, Colucci afirmou que a Lombardia continua sem um plano paisagístico concluído e acordado com o Ministério da Cultura de Itália, apesar de anos de trabalho. Sem esse enquadramento mais amplo, sugeriu, é mais difícil gerir o crescimento de forma coordenada numa área cuja identidade se estende para lá das fronteiras municipais. Disse ainda que uma das prioridades de Franciacorta deveria ser a proteção de residências nobres históricas e de edifícios mais antigos, onde a intervenção pública muitas vezes só chega depois de já terem começado trabalhos inadequados.

Grande parte da discussão centrou-se no enquadramento jurídico italiano para a proteção da paisagem e do ambiente. Castagno recordou que o artigo 9.º da Constituição italiana, redigido após a Segunda Guerra Mundial, colocou a proteção da paisagem e do património histórico e artístico entre os princípios fundamentais da república. Disse que essa escolha refletia a ideia de que tal proteção deveria ser um dever nacional, e não apenas local. Os oradores também observaram que as alterações constitucionais aprovadas em 2022 acrescentaram explicitamente a proteção do ambiente, da biodiversidade e dos ecossistemas, incluindo no interesse das gerações futuras.

Colucci afirmou que, ao longo do tempo, as ideias de “paisagem” e “ambiente” têm sido muitas vezes tratadas em separado na política pública italiana, apesar de, na prática, estarem profundamente ligadas. Numa região vitivinícola como Franciacorta, essa distinção torna-se especialmente difícil de sustentar, porque o mesmo território tem de servir simultaneamente funções ecológicas, agrícolas, culturais e económicas.

Pilotti trouxe esse ponto para primeiro plano com o exemplo de Torbiere del Sebino, uma zona húmida perto de Franciacorta que foi declarada reserva natural em 1984 e é reconhecida internacionalmente ao abrigo da Convenção de Ramsar. Disse que a sobrevivência da reserva depende fortemente da gestão humana, sobretudo da qualidade da água e da proteção da rede hidráulica. Antigamente usada para extração de turfa e argila, a área é agora valorizada pela biodiversidade e pelo turismo, atraindo cerca de 60,000 a 70,000 visitantes por ano.

Para Pilotti, as turfeiras mostram por que motivo a região não pode tratar as áreas naturais e as áreas produtivas como sistemas separados. A vida económica, disse, continua a ser essencial porque as pessoas também fazem parte da paisagem e precisam de empregos e de comunidades funcionais para nela permanecerem. O desafio é orientar esse desenvolvimento de modo a não destruir os sistemas ambientais de que o território depende.

Donna afirmou que as alterações climáticas também estão a mudar a ideia visual do que deve ser uma paisagem vitícola bem cuidada. Durante anos, disse, a beleza na viticultura foi muitas vezes associada à ordem geométrica, a linhas uniformes e a campos rigidamente controlados. Esse modelo está agora a ser questionado à medida que os produtores procuram maior resiliência através de sombra, biodiversidade e sistemas ecológicos mais complexos.

Disse que esta mudança está a ajudar Franciacorta a avançar para formas de agroflorestação nas vinhas e à sua volta. Plantar árvores, arbustos e sebes ao longo das bordaduras das vinhas ou dentro dos sistemas vitícolas pode reduzir os efeitos do calor, criar corredores de biodiversidade e ligar as terras cultivadas a bosques próximos e a outros habitats. Donna descreveu-o como uma alternativa à monocultura estrita e uma das ferramentas da região para se adaptar a um clima mais quente e menos previsível.

Segundo Donna, Franciacorta é pouco comum pelo grau de cooperação entre o consórcio, as adegas, as instituições de investigação e organizações externas como a Fondazione LGH. Disse que essa cooperação ajudou a lançar um novo estudo multidisciplinar de zonamento que vai além da análise tradicional do solo e do clima,

para incluir a medição da biodiversidade e o estudo dos organismos do solo ligados à fertilidade e à resiliência.

Esse trabalho está a ser desenvolvido com as Universidades de Brescia e de Milão e inclui modelos de previsão para identificar que espécies vegetais poderão ser adequadas às condições locais daqui a 30 ou 50 anos, disse. Donna acrescentou que os resultados dos primeiros projetos de agroflorestação terão de ser amplamente divulgados se quiserem tornar-se modelos para o resto da região.

Ao longo da discussão, os oradores regressaram a um ponto comum: a paisagem de Franciacorta não pode ser congelada no tempo, mas também não pode ser deixada ao acaso. O seu futuro, disseram, dependerá de competência técnica, planeamento a longo prazo e de uma maior consciência pública de que as vinhas, as zonas húmidas, os centros históricos e o ambiente construído formam um único sistema territorial. Vários participantes sublinharam ainda a importância de formar as gerações mais jovens, argumentando que as escolas e a educação profissional terão um papel decisivo em determinar a evolução da região.